



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8391 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 16 - Educação e Comunicação

POR UMA RE-VISÃO DO CURRÍCULO UNESCO AMI PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Vanessa Matos dos Santos - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO

**POR UMA RE-VISÃO DO CURRÍCULO UNESCO AMI
PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Introdução

Apresenta-se, neste resumo expandido, os resultados obtidos a partir da análise da publicação, pela Unesco (2013), do Guia *Alfabetização Midiática e Informacional - Currículo para Formação de Professores*. Partindo dos conceitos basais que nortearam a produção do material, a pesquisa defende que a re-visão, no sentido de olhar novamente, (e não atualização) do documento reside em problematizá-lo não apenas em função do tempo decorrido, mas, sobretudo, a partir dos princípios que o sustentam e das vozes que nele se colocam enquanto forças políticas e ideológicas.

Desenvolvimento

Historicamente, o potencial da Comunicação (evidenciada, principalmente, em função dos meios de comunicação) foi desde muito cedo reconhecido e utilizado para os mais diversos propósitos, desde propagandas manipuladoras e persuasivas até objetivos mais nobres como a Educação. Esse reconhecimento se tornou mais explícito a partir do rádio e, em seguida, a televisão consagrou o poder de influência e persuasão desses meios de comunicação de massa (MCM) a partir da segunda metade do século XX.

Tendo em vista o lugar social que os MCM ocuparam na cultura em diferentes décadas daquele século, Buckingham (2013) localiza, por meio de um panorama histórico, as diferentes relações que se estabeleceram entre os meios e a escola. Na década de 1930, os meios foram considerados ameaçadores e, portanto, nocivos à cultura escolarizada. Os professores pautavam-se por apresentar peças publicitárias e, partindo da premissa de que não tinham qualidade, comparavam esses materiais com produtos considerados culturalmente superiores. Cabia à escola a responsabilidade por instrumentalizar o aluno contra os efeitos danosos dos MCM. Embora já existissem propostas pioneiras para além dessa perspectiva, uma nova visão acerca dos meios só se efetivou a partir da década de 1960. Fortemente influenciado pelos estudos culturais britânicos, iniciou-se a partir desta década um período de desmistificação, ou seja, os meios passaram a ser visualizados como expressões culturais passíveis de estudo e pesquisa. Este período será fundamental para a construção daquilo que se consagraria na década de 1980: a adoção de currículos que abordam o estudo dos meios na educação formal. O período atual (notadamente dos anos 2000 até os dias atuais) tem sido caracterizado pela investigação dos meios (não apenas massivos, mas também os interativos) em contextos de inovações tecnológicas e redes digitais.

Para além desse contexto, é essencial considerar que diferentes abordagens, terminologias e definições foram surgindo ao longo do tempo, segundo premissas e cenários distintos. À medida que o desenvolvimento tecnológico e a convergência midiática se colocavam de forma cada vez mais proeminente nas sociedades contemporâneas, destacou-se o papel da informação como bem imaterial estratégico. Se o início do século XX o simples acesso se colocava como um diferencial, o século XXI impôs a necessidade de um letramento específico com relação aos diversos processos que envolvem a informação (ou *Information Literacy*). No entanto, diferentemente da *Media Education*, a *Information Literacy* praticamente foi concebida como um bem inquestionável e necessário para o desenvolvimento das sociedades contemporâneas (LEANING, 2017).

Apesar disso, aos poucos, a *Media Information Literacy* (MIL) foi ganhando escopo teórico e sustentação conceitual, a ponto do esforço de convergência entre as áreas culminar com diversas publicações da UNESCO sobre a temática. No escopo desta pesquisa focalizamos a edição, em língua portuguesa, do Currículo para Formação de Professores “Alfabetização Midiática e Informacional” (AMI) lançada em 2013, dois anos após a edição em inglês (*Media and Information Literacy - Curriculum for Teachers*).

Quase uma década após o lançamento da primeira edição da publicação, o debate pautado entre modernidade e pós-modernidade deslocou-se para a lógica dos algoritmos (CANCLINI, 2020). Partindo desta premissa inicial, esta investigação, de natureza qualitativa, está embasada na metodologia da teoria fundamentada nos dados (ou, do original, *Grounded Theory*) de Glaser e Strauss (1967). Dada a extensão do material analisado, a coleta e a análise de dados foram realizadas com suporte do software ATLAS.Ti 9.

A análise dos dados revelou que, em que pese todo o esforço realizado, do ponto de vista estrutural a publicação ainda pressupõe a divisão rígida entre *Media Education* e *Information Literacy*. Ainda que existam elementos de possibilitem o diálogo entre as áreas, a distribuição deles ainda se coloca de forma excessivamente fragmentada, dificultando a visualização do todo. A publicação está dividida em duas partes: a parte um traz a conceituação e definição do escopo da AMI e sua importância na formação de professores. A parte 2, por sua vez, apresenta módulos (sendo 8 centrais, 2 complementares e 3 como adendos). Cada módulo está dividido em unidades que não se apresentam em igual número em cada um deles: existem módulos com 4, 3 ou 2 unidades. Essa fragmentação dificulta a organização da publicação de forma efetivamente curricular, gera a repetição de conceitos e termina por apresentá-los de forma estanque e não convergente: conceitos mais voltados para

a *Information Literacy* parecem estar concentrados no módulo 8 da parte 2, denominado “Alfabetização informacional e habilidades no uso de bibliotecas”.

A focalização de cada uma das unidades revela um grande esforço por apresentar as perspectivas da MIL da forma mais atualizada e didática possível, indicando teorias, propostas de atividades, formas de avaliação etc. Por uma questão de hiato temporal natural, observa-se que a discussão sobre usos pedagógicos das redes sociais virtuais, a emergência de novas formas de aprendizagem (IZQUIERDO-IRANZO; GALLARDO-ECHENIQUE; 2020), dentre outros temas ainda se apresenta de forma pulverizada no decorrer da publicação.

O discurso presente na publicação aqui analisada revela ainda a predominância da lógica instrumental e funcionalista no que se refere à mídia. O trecho a seguir exemplifica este aspecto: “As mídias e outros provedores de informação, como bibliotecas, arquivos e internet, são amplamente reconhecidos como **ferramentas essenciais** para auxiliar os cidadãos a tomarem decisões bem informadas” (WILSON, *et al.*, 2013, p.16, **grifo nosso**). Isto posto, cabe aos professores saber executar as ferramentas do processo – neste caso, as mídias. O potencial cognitivo implicado na relação com as inovações tecnológicas perde espaço para a mera execução de tarefas repetitivas, que seguem um receituário pouco (ou nada) reflexivo, efetivamente inovador.

No que se refere aos conceitos apresentados, a maior parte ainda enfoca a produção científica europeia e norte-americana. Embora o documento explicita que é objetivo da AMI possibilitar o diálogo intercultural, o próprio material parece não fazê-lo. Logo no início da edição, na parte denominada “Agradecimentos”, observa-se um esforço por demonstrar a participação de diferentes pesquisadores, oriundos de diferentes países na construção da publicação mas essas representações não são igualitárias, posto que diversos países já com longa tradição em pesquisas envolvendo Educação e Comunicação (tais como Brasil, Colômbia, Venezuela etc) não estão ali elencados. De acordo com a ficha catalográfica da publicação, coube ao Brasil a tradução e a revisão técnica do material.

Sobre este aspecto, torna-se esclarecedora a compreensão de Wickens e Sandlin (2007). As autoras consideram “[...] *literacy education, especially the kinds practiced and promoted by organizations such as the World Bank and the United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization (UNESCO), as a form of neocolonialism*” (WICKENS; SANDLIN, 2007, p.275). Ao financiarem a execução de guias e currículos, os organismos internacionais acabam por estabelecer o que é importante e o que deve ser ignorado no escopo educativo dos processos. Não se trata apenas de ignorar vertentes teóricas e conceituais construídas em outros países, mas sobretudo de buscar exercer sobre eles uma forma de neocolonialismo. Isso significa que, embora as fronteiras geográficas estejam estabelecidas, o domínio se coloca com outras roupagens, posto que “[...] *the former colonizers continue to economically, culturally, financially, militarily and ideologically dominate what constitutes the so-called developing world*” (CHILISA, 2005, p. 660). Apesar disso, não é incomum que o cenário de desenvolvimento tecnológico nos leve a acreditar que existem variadas fontes de informação e pontos de vista à nossa disposição, ofuscando os interesses que realmente estão em jogo neste contexto. Couldry (2020, p.11) evidencia que “*Today the resource being appropriated by a new colonialism is us: human life in all its depth and variety, extracted as value through the medium of data*”, ou seja, trata-se de resistir como ser humano que não apenas está no mundo, mas que efetivamente o habita.

Considerações finais

Para além de *ler criticamente*, é preciso *construir criticamente* segundo princípios ideológicos e culturais que respeitem o Outro e seu lugar no mundo. Nesse sentido, esta pesquisa evidenciou a necessidade, para além dos fatores que naturalmente se ligam à questão temporal, de uma re-visão (re-visitar, re-olhar, re-fazer) da publicação a partir de diferentes aspectos, quais sejam: a assunção da mídia como forma de pensamento (e não apenas instrumento), o esforço interdisciplinar, a valorização do Sujeito que vivencia a realidade no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento dos problemas que se colocam no cotidiano.

A leitura que se fundamenta em lentes que não contemplam a realidade cotidiana do Sujeito que a vivencia não se coloca como crítica e sim como reprodução (SANDLIN, 2004). A reprodução de modelos pré-estabelecidos é, por sua vez, uma das estratégias mais cruéis (porque menos perceptível) de modelos que se assentam no colonialismo de dados. Certamente, a pandemia por COVID-19 impôs a necessidade de revisão de muitos aspectos da vida hodierna, mas não porque tenha apresentado algo totalmente novo, mas sim porque exacerbou as contradições e desequilíbrios que há muito estão presentes entre nós (SANTOS, 2020).

Palavras-chave: Comunicação, Educação, Currículo, UNESCO, AMI

REFERÊNCIAS

BUCKINGHAM, David. **Media education: Literacy, learning and contemporary culture.** John Wiley & Sons, 2013.

CANCLINI, Nestor García. **Ciudadanos reemplazados por algoritmos.** Germany: Calas, 2020.

CHILISA, Bagele. Educational research within postcolonial Africa: A critique of HIV/AIDS research in Botswana. **International Journal of Qualitative Studies in Education**, 18(6), 659-684, 2005.

COULDRY, Nick. **The Emerging Social Order Of Data Colonialism: Why Critical Social Theory Still Matters!.** 2020.

GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. **The discovery of grounded theory.** New York: Aldene de Gruyter, 1967.

IZQUIERDO-IRANZO, Patricia; GALLARDO-ECHENIQUE, Eliana E. Estudigramers: Influencers del aprendizaje. **Comunicar**, v. 28, n. 62, p. 115-125, 2020.

LEANING, Marcus. **Media and information literacy: An integrated approach for the 21st century.** Chandos Publishing, 2017.

SANDLIN, Jennifer. A. "It's all up to you": How welfare-to-work educational programs construct workforce success. **Adult Education Quarterly**, 54(2), 89-104, 2004.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **La crudele pedagogia del virus.** Lit Edizioni, 2020.

WICKENS, Corrine M.; SANDLIN, Jennifer A. Literacy for what? Literacy for whom? The politics of literacy education and neocolonialism in UNESCO- and World Bank - sponsored literacy programs. **Adult Education Quarterly**, v. 57, n. 4, p. 275-292, 2007.

WILSON, Carolyn et al. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília, DF: Unesco: UFTM, 2013.